

DE NOVO: QUEM SERÁ TRUMP ?

Repito a pergunta que havia feito há pouco mais de um mês, e que o mundo inteiro se faz com ansiedade. Porque a resposta, ainda não demonstrada, verdadeiramente interessa ao mundo inteiro. E ao Brasil em particular.

O que se sabe, até agora, é que se trata de um self-made bilionário, voluntarioso e cheio de si, com idéias próprias muito diferentes dos reconhecidos líderes políticos e empresariais norteamericanos. Idéias nacionalistas, protecionistas, industrialistas, contrárias ao pensamento do grande capital financeiro estabelecido em Wall Street, que tem dominado os Estados Unidos e o mundo capitalista.

Confirmou com ênfase o nacionalismo no discurso de posse: A América primeiro! Aos mais velhos lembrou de longe um slogan que se tornou maldito depois de 45: "Deutschland über alles". Só uma lembrança de longe.

Se exercitar, na chefia do Governo, o que pregou na campanha, fará uma revolução: inicialmente no México, uma revolução popular inevitável, e depois no mundo da globalização. Finalmente, nos próprios Estados Unidos. E é aí mesmo que vai travar sua grande guerra, contra a aliança Wall Street- Pentágono-Vale do Silício. Se ganhar, mudará o mundo; se perder, será deposto, como foi Dilma Rousseff. O argumento jurídico-político até já está formado: a "pedalada" dele é que sua eleição foi favorecida pela interferência da Rússia. A CIA pode provar.

Ele, como homem prático, pode reconhecer, no meio da guerra, que o inimigo interno é mais forte do que o Presidente dos Estados Unidos. Neste caso, provavelmente se acomodará ao status vigente e será um dos mais medíocres presidentes da história do grande país.

Neste caso, sua sucessão, talvez já no próximo quadriênio, será provavelmente mais esdrúxula do que sua eleição agora, já que a maioria contrária ao domínio dos bancos e do Pentágono deverá alargar sua margem e migrar, quem sabe, para um socialista como Bernie Sanders. Hipótese extravagante porém possível: os brancos, louros, dolococéfalos estão saturados da globalização, dos privilégios absurdos dos banqueiros e das guerras cada vez mais desgastantes..

E o Brasil, onde e como fica neste entrevero?

Bem, o Brasil foi golpeado pelo Grande Capital. Foi golpeado com vários objetivos: mutilar e apequenar a Petrobras (o ideal de privatizá-la é politicamente impossível); atropelar e, se possível, matar, as grandes empresas brasileiras de engenharia que estavam concorrendo com sucesso no mercado internacional; destroçar a aliança política emancipadora sulamericana liderada pelo Brasil, especialmente o eixo Argentina-Brasil-Venezuela; congelar a aliança do Brasil com a China e com a Rússia nos BRICS, e o funcionamento dos mecanismos financeiros internacionais concorrentes com o FMI e o BIRD; impedir que o Brasil se afirme como produtor de urânio enriquecido no cenário mundial, afastando, condenando e prendendo o Al-

CORREIO SATURNINO

Artigo nº 419/2017

mirante Othon Pinheiro da Silva; atrasar o quanto possível a aquisição, pelo Brasil, das tecnologias do submarino atômico, contratada com a França, e do avião militar de última geração com a Suécia; e jogar para as calendas o programa aeroespacial brasileiro, tomando conta da base de Alcântara.

Claro: se Trump ganhar a guerra interna, não vai dar nenhuma importância ao Brasil e os golpistas nacionais, que esperavam importante colaboração política e econômica do Grande Capital para se afirmarem politicamente, vão cair da escada.

Se Wall Street vencer, o Grande Capital vai realizar plenamente os objetivos do golpe, e o Brasil sofrerá, mais uma vez, um grande atraso, possivelmente maior desta vez que das outras.

De qualquer forma, num caso ou no outro, é impossível prever a sucessão de acontecimentos no nosso País. E, de um ou outro jeito, a guerra interna de Trump vai demorar um tempo, e a crise brasileira já está atingindo intensidades imprevisas pelos golpistas. O Exército já vai intervir nos presídios. E se a crise transbordar para as ruas?

Roberto Saturnino Braga

rsaturninobraga@gmail.com
www.saturninobraga.com.br